

Harlan Coben

ALTA TENSÃO



ARQUEIRO

*Para Anne,
porque o melhor ainda está por vir*

CERTA VEZ UM AMIGO DISSERA a Myron que a mais terrível verdade ainda é melhor que a mais bela mentira.

Era nisso que Myron pensava, olhando para o pai na cama do hospital. Estava tendo um flashback da última vez em que mentira para ele, 16 anos antes, uma mentira que havia causado desolação e mágoa e iniciara uma onda de destruição que, tragicamente, culminava ali.

Os olhos de seu pai permaneciam fechados; a respiração, pesada e irregular. Parecia haver tubos por toda parte. Myron observou o braço do pai. Lembrou-se do tempo em que era menino e ia visitá-lo na fábrica em Newark, de como o pai puxava as mangas da camisa para trabalhar em sua mesa gigantesca. Na época, era um braço musculoso, que ficava apertado nas dobras do tecido como se elas fossem um torniquete. Agora os músculos pareciam ter perdido densidade, ter murchado com o passar dos anos. O peito largo que tantas vezes fizera Myron se sentir tão protegido continuava ali, mas estava frágil e dava a impressão de que a caixa torácica poderia quebrar ao menor peso, como se fosse formada por gravetos. O rosto tinha a barba por fazer, mas, em vez da sombra causada pelo crescimento dos pelos, havia manchas cinzentas e, ao redor do queixo, a pele pendia frouxa como uma capa excessivamente larga.

A mãe de Myron – esposa de Al Bolitar nos últimos 43 anos – estava sentada junto à cama. Segurava a mão do marido, a dela trêmula por causa da doença de Parkinson. Sua fragilidade também era assustadora. Quando jovem, tinha sido uma das pioneiras do feminismo. Havia queimado sutiãs com Gloria Steinem e usado camisetas com dizeres como “Lugar de mulher é em casa... e na Câmara e no Senado”. Agora ali estavam os dois, Ellen e Al Bolitar (“Nós somos o casal El-Al”, a mãe costumava brincar, “igual à empresa de aviação israelense.”), ambos consumidos pelo avançar da idade, mas ainda aguentando, muito mais afortunados do que a grande maioria dos casais idosos – ainda que a sorte, no fim das contas, fosse aquilo.

Deus tem mesmo senso de humor.

– Então – disse a mãe de Myron bem baixinho –, estamos combinados?

Myron não respondeu. A mais bela mentira versus a mais terrível verdade. Ele devia ter aprendido a lição há 16 anos, com a última mentira que contara àquele grande homem, a quem amava mais do que a qualquer outro. Mas não,

não era tão simples assim. A mais horrenda verdade podia ser devastadora. Podia virar o mundo de cabeça para baixo.

Podia até matar.

Assim, quando as pálpebras de seu pai se abriram com um tremor, quando o homem a quem Myron mais estimava no mundo ergueu os olhos para o filho mais velho com uma incompreensão suplicante e quase infantil, Myron olhou para a mãe e aquiesceu devagar. Então reprimiu as lágrimas e se preparou para contar ao pai a mentira final.

2

Seis dias antes

— **M**YRON, POR FAVOR, preciso da sua ajuda.

Para ele, parecia um delírio: a donzela em perigo adentrava sua sala rebolando, deslumbrante e curvilínea, como uma personagem dos filmes de Humphrey Bogart. Bem, tirando o fato de o rebolado lembrar o andar de uma pata e as curvas delinearem o oitavo mês de gestação da deslumbrante donzela. Isso meio que arruinava qualquer fantasia.

Seu nome era Suzze Trevantino, ou Suzze T., como ficara conhecida a estrela do tênis agora aposentada. Nos campeonatos, Suzze era sempre a *bad girl* provocante, mais notória por suas roupas ousadas, piercings e tatuagens do que por suas jogadas. Mesmo assim, tinha vencido um torneio importante e ganhado uma fortuna fazendo anúncios publicitários. Entre outros contratos, era a porta-voz (Myron adorava esse eufemismo) da rede de bares de topless La-La-Latte, sucesso entre os universitários por causa do “leitinho extra”. Bons tempos aqueles.

Myron abriu os braços.

– Estou ao seu dispor, Suzze, 24 horas por dia, sete dias por semana. Você sabe disso.

Estavam no escritório da Park Avenue, sede da MB Representações. O M era de Myron e o B, de Bolitar. O “representações” era pelo fato de a agência representar atletas, atores e escritores. Sim, nós somos criativos.

– É só me dizer o que eu posso fazer.

Suzze começou a andar de um lado para o outro.

– Não sei muito bem por onde começar – disse ela.

Myron estava prestes a dizer algo quando ela ergueu a mão, fazendo-o parar.

– Se ousar dizer “comece pelo começo”, eu arranco uma das suas bolas.

– Só uma?

– Você está noivo. Tenho que pensar na coitada da sua futura esposa.

Os passos dela se transformaram em algo mais parecido com uma marcha militar, aumentando tanto em velocidade e força que Myron teve medo de que ela entrasse em trabalho de parto ali mesmo, na sua sala recém-reformada.

– Ei, o carpete – disse ele. – É novo.

Suzze franziu o cenho, andou mais um pouco pela sala e começou a roer as unhas pintadas com um esmalte chamativo.

– Suzze?

Ela parou. Seus olhares se cruzaram.

– Fale comigo – disse ele.

– Você se lembra de quando nos conhecemos?

Myron fez que sim com a cabeça. Havia sido poucos meses depois de ele ter terminado a faculdade de direito. Estava começando seu negócio e a firma ainda se chamava MB Representações Esportivas, porque na época Myron agenciava apenas atletas. O “esportivas” havia saído do nome depois que ele começou a representar celebridades, atores, escritores e outros expoentes das artes.

Sim, nossa criatividade já despontava naquela época.

– Claro que lembro – respondeu ele.

– Eu era muito louca, não era?

– Você era um grande talento do tênis.

– E muito louca. Deixe de ser vaselina.

Myron ergueu as mãos, rendido:

– Você tinha 18 anos.

– Não, 17.

– Que seja.

Ele teve uma rápida lembrança de Suzze ao sol: cabelos louros presos em um rabo de cavalo, sorriso malicioso, uma direita tão forte que ela parecia estar com raiva da bola.

– Você tinha acabado de virar profissional. Os adolescentes penduravam pôsteres seus no quarto. Todo mundo esperava que você fosse derrotar as lendas do esporte num piscar de olhos. E a pressão dos seus pais era enorme. É um milagre você ter sobrevivido.

– Verdade.

– Qual é o problema, então?

Suzze baixou os olhos para a própria barriga como se ela houvesse acabado de surgir.

– Eu estou grávida.

– Bom, é, dá para ver.

– A vida é boa, sabe? – continuou ela, a voz assumindo um tom suave, sonhador. – Depois de todos esses anos em que eu fui muito louca... conheci Lex. As músicas dele nunca estiveram tão boas como agora. Minha academia de tênis vai de vento em popa. E, bom, está tudo indo tão bem.

Myron aguardou. Os olhos dela continuavam pregados na própria barriga, ninando-a como se já fosse o bebê – o que, de certa forma, era. Ele tentou manter a conversa fluindo:

– Você gosta da ideia de estar grávida?

– De carregar um bebê na barriga?

– É.

Ela deu de ombros.

– Não posso dizer que fique radiante. Na verdade, estou louca para que o parto chegue logo. Mas isso é mesmo interessante. Algumas mulheres adoram estar grávidas.

– E você, não?

– Tenho a sensação de que alguém estacionou uma escavadeira na minha bexiga. Acho que as mulheres gostam de estar grávidas porque se sentem especiais por isso. Como se virassem uma celebridade. A maioria delas passa a vida inteira sem receber muita atenção mas, quando está grávida, é tratada como rainha. Pode parecer um comentário maldoso, mas as grávidas gostam dessa atenção. Entende o que eu quero dizer?

– Acho que sim.

– Já tive a minha cota de atenção na vida, eu acho.

Ela se aproximou da janela e olhou para fora por alguns instantes. Então tornou a se virar para ele.

– Aliás, você reparou como meus peitos estão enormes?

– Bem... – Myron começou a dizer, mas resolveu que seria melhor ficar calado.

– Pensando melhor, talvez você devesse entrar em contato com a La-La-Latte e acertar uma nova sessão de fotos.

– Tiradas de ângulos estratégicos?

– Isso. Talvez as belezocas aqui possam render uma ótima nova campanha.

Ela segurou os seios, para o caso de Myron não estar entendendo exatamente a que belezocas estava se referindo.

– O que você acha? – concluiu ela.

– Acho que você está fugindo do assunto – respondeu Myron.

Os olhos dela ficaram marejados.

– Estou tão feliz – ela começou.

– É, bom, eu entendo que isso possa ser um problema.

Isso a fez sorrir.

– Consegui acalmar meus demônios. Cheguei até a fazer as pazes com a minha mãe. Lex e eu não poderíamos estar mais prontos para este filho. Quero que os demônios continuem longe.

Myron se sentou mais ereto na cadeira.

– Você não voltou a usar drogas, voltou?

– Meu Deus, claro que não. Não estou falando desse tipo de demônio. Lex e eu já vimos essa página.

Lex Ryder, marido de Suzze, era uma das metades da banda/dupla musical HorsePower – a metade bem mais apagada, para falar a verdade, se comparada ao incrível carisma do parceiro, Gabriel Wire. Apesar de atormentado, o marido de Suzze era um bom músico, mas sempre estaria para Gabriel como John Oates para Daryl Hall, Andrew Ridgeley para George Michael ou as outras Pussycat Dolls para Nicole Scherz-não sei das quantas.

– De que demônios você está falando, então?

Suzze levou a mão até dentro da bolsa e sacou uma folha que, do outro lado da mesa, parecia uma fotografia. Observou-a durante alguns segundos e a entregou a Myron.

Ele deu uma olhada rápida na imagem e ficou esperando que ela falasse. No fim, só para dizer alguma coisa, afirmou o óbvio:

– É o ultrassom do seu bebê.

– É. Vinte e oito semanas.

Mais silêncio. Myron tornou a quebrá-lo.

– Tem alguma coisa errada com a criança?

– Não, ele é perfeito.

– Ele?

Suzze T. abriu um sorriso.

– Vou ter um garotão.

– Que legal.

– É. Ah, um dos motivos que me fez vir aqui... Lex e eu temos conversado sobre isso. Nós dois queremos que você seja o padrinho.

– Eu?

– É.

Myron não disse nada.

– E então?

Agora quem estava com os olhos marejados era ele.

– Seria uma honra.

– Está chorando?

Myron não respondeu.

– Você é mesmo uma mocinha – disse ela.

– Qual é o problema, Suzze?

– Talvez não seja nada – ela começou a dizer. Mas então arrematou: – Acho que alguém está tentando me destruir.

Myron não tirava os olhos do ultrassom.

– Como?

Então ela lhe mostrou. As três palavras que iriam ecoar dolorosamente em seu coração durante muito, muito tempo.

3

UMA HORA MAIS TARDE, Windsor Horne Lockwood III – conhecido como Win pelas pessoas que o temiam (categoria que incluía quase todo mundo) – entrou na sala de Myron com seu passo largo e cadenciado. Win tinha um caminhar muito exuberante, como se estivesse sempre vestindo cartola preta e fraque e girando uma bengala na mão. Em vez disso, estava usando uma gravata da Lilly Pulitzer verde e rosa, um blazer azul com um brasão e uma calça cáqui com um vinco tão marcado que seria capaz de cortar. Calçava mocassins sem meia e parecia ter acabado de voltar de um passeio no veleiro *Berço de Ouro*.

– Suzze T. esteve aqui – disse Myron.

Win aquiesceu, projetando o maxilar.

– Cruzei com ela na entrada.

– Ela parecia abalada?

– Não reparei – disse Win, sentando-se. – Os peitos dela estão enormes – completou ele.

Win.

– Ela está com um problema – disse Myron.

Win se recostou na cadeira e cruzou as pernas com a desenvoltura habitual.

– Elabore.

Myron girou o monitor para que Win pudesse olhar a tela. Uma hora antes, Suzze T. tinha feito um gesto semelhante. Ele pensou naquelas três palavras. Sozinhas eram praticamente inofensivas, mas tudo na vida depende do contexto. E, naquela situação, as três palavras faziam a sala congelar.

Win apertou os olhos em direção ao monitor e levou a mão até o bolso interno do paletó, sacando seus óculos de leitura. Havia cerca de um mês que começara a usar óculos e, embora Myron achasse impossível, eles faziam seu amigo parecer ainda mais esnobe e pretensioso. E também deixavam Myron deprimido. Win e ele não eram velhos – longe disso – mas, para citar a analogia com o golfe usada por Win na primeira vez em que havia lhe mostrado os óculos: “Agora estamos oficialmente no último *nine* da vida.”

– Isso é uma página do Facebook? – perguntou Win.

– É. Suzze a utiliza para promover a academia de tênis.

Win chegou um pouco mais perto.

– E isso é o ultrassom dela?

– É.

– E como é que um ultrassom vai promover uma academia de tênis?

– Foi o que perguntei. Ela disse que é preciso dar um toque pessoal. As pessoas não querem simplesmente ler textos promocionais.

Win franziu a testa.

– Então ela vai e posta o ultrassom de um feto? – disse, erguendo os olhos da tela. – Faz sentido para você?

Na verdade, não fazia. E mais uma vez – com Win usando seus óculos de leitura e os dois resmungando sobre o admirável mundo novo das redes sociais – Myron se sentiu velho.

– Dê uma olhada nos comentários – disse Myron.

Win lhe lançou um olhar sem qualquer emoção.

– As pessoas comentam um ultrassom?

– Ande logo, leia.

Win leu. Myron ficou esperando. Tinha praticamente decorado aquela página. Havia 26 comentários sobre a foto, em sua maioria votos de felicidades. A mãe de Suzze, uma criatura do mal que não perdia uma chance de aparecer, havia escrito GENTE, VOU SER VOVÓ! URRU!, uma moça chamada Amy tinha comentado AI, QUE GRACINHA!!! e um baterista que costumava tocar com a HorsePower brincara dizendo PARECE COM O PAI! ;). Um sujeito chamado Kelvin havia postado um PARABÊNS!! E uma Tami perguntara PARA QUANDO É O BEBÊ, QUERIDA?.

Win parou faltando três comentários para o fim.

– Engraçadinho.

– Qual deles?

– Um bosta em forma de gente chamado Erik escreveu... – Win começou a dizer. Então parou, limpou a garganta e chegou mais perto do monitor. – “O seu bebê parece um cavalo-marinho!” E depois disso o palhaço colocou um “KKK”.

– Não é ele o problema de Suzze.

Win não se acalmou.

– Mesmo assim talvez esse Erik mereça uma visita.

– Continue a ler.

– Está bem.

A expressão facial de Win raramente mudava. Ele havia sido treinado, tanto como profissional quanto como militar, a não demonstrar o que sentia. Mesmo assim, alguns segundos depois, Myron percebeu uma sombra no olhar de seu velho amigo. Win ergueu os olhos. Myron balançou a cabeça, confirmando.

As três palavras estavam bem ali, no final da página, em um comentário feito por “A. Abeona”, um nome que nada significava para ele. A foto do perfil era algum tipo de símbolo, talvez um ideograma. E ali, em maiúsculas, sem pontuação, estavam as três palavras tão simples e, no entanto, tão violentas:

“NÃO É DELE”

Silêncio.

Win então comentou:

– Putz.

– Pois é.

Win tirou os óculos.

– Será que eu preciso fazer a pergunta óbvia?

– Que pergunta?

– Isso é verdade?

– Suzze jura que o pai é Lex.

– E nós acreditamos nela?

– Sim – disse Myron. – Faz diferença?

– Para mim, do ponto de vista moral, não. Quer saber a minha teoria? Isso é obra de algum maluco assexuado.

Myron balançou a cabeça.

– O grande benefício da internet: todo mundo pode se manifestar – disse ele.

– O grande mal dela: todo mundo pode se manifestar.

– A fortaleza dos covardes e anônimos – concordou Win. – Suzze devia apagar esse *post* antes de Lex ver.

– Tarde demais. Isso é parte do problema. Lex meio que fugiu.

– Entendi – disse Win. – E ela quer que nós o encontremos?

– É, e que o levemos de volta para casa.

– Encontrar um astro do rock não deve ser muito complicado – disse Win. –

E qual é a outra parte do problema?

– Ela quer saber quem escreveu o comentário.

– A identidade secreta do Sr. Maluco Assexuado?
– Suzze acha que é mais do que isso. Que alguém está mesmo querendo lhe fazer mal.

Win balançou a cabeça.

– É um maluco assexuado – disse ele.

– Escrever “não é dele”? Que coisa mais doentia!

– Um maluco assexuado *doente*. Você não lê de vez em quando as bobagens que as pessoas escrevem na internet? É só acessar qualquer notícia em qualquer lugar e ver os “comentários” – ele fez as aspas com os dedos – racistas, homofóbicos e paranoicos que elas adicionam. É de deixar qualquer um fora de si.

– Eu sei, mas prometi que verei o que posso fazer.

Win suspirou, tornou a pôr os óculos e se inclinou na direção do monitor.

– A pessoa que postou o comentário é uma tal de A. Abeona. Podemos supor que se trata de um pseudônimo?

– Sim. Abeona é o nome de uma deusa romana. Não faço ideia do que significa o A.

– E a foto do perfil? Que símbolo é esse?

– Sei lá.

– Você perguntou a Suzze?

– Perguntei. Ela disse que não fazia a menor ideia. Parece um ideograma chinês.

– Quem sabe conseguimos encontrar alguém para traduzir?

Win se recostou na cadeira e uniu as pontas dos dedos das duas mãos, formando uma pirâmide.

– Você reparou no horário em que o comentário foi postado?

Myron fez que sim com a cabeça.

– Três e dezessete da manhã.

– Bem tarde.

– Era o que eu estava pensando – disse Myron. – Nas redes sociais, isso deve equivaler a mandar mensagens para o celular de alguém quando se está bêbado.

– Um ex-namorado problemático – comentou Win.

– E existe algum outro tipo de ex?

– E, se bem me lembro da juventude desregrada de Suzze, deve haver vários candidatos... Isso para ser sutil.

– Mas ninguém que ela imagine ser capaz de fazer uma coisa dessas.

Win seguiu encarando o monitor.

– Qual vai ser nosso primeiro passo, então?

– Está falando sério?

– Como assim?

Myron pôs-se a andar por sua sala recém-reformada. Os cartazes de peças da Broadway e as referências a Batman tinham desaparecido. Havia sido retirados durante a pintura e Myron não tinha certeza se queria colocá-los de volta. O mesmo acontecera com seus troféus e prêmios da época do basquete – os anéis recebidos pelos campeonatos universitários, os certificados que a revista *Parade* concedia aos melhores atletas do ensino médio, seu troféu de jogador universitário do ano – todos agora ausentes, com uma única exceção.

Pouco antes de sua primeira partida profissional pelo Boston Celtics, quando seu sonho estava enfim virando realidade, Myron sofrera uma séria lesão no joelho. A *Sports Illustrated* colocara uma foto de Myron na capa com a manchete SERÁ O FIM?. E embora a matéria não respondesse à pergunta, a resposta acabara sendo um sonoro SIM!. Myron não sabia ao certo por que mantinha essa capa emoldurada na parede. Quando alguém lhe perguntava, ele dizia que era um lembrete a qualquer *superstar* do esporte que entrasse em sua sala, para que visse como tudo podia acabar de uma hora para outra. Mas no fundo ele desconfiava de que o motivo fosse um pouco maior.

– Essa não é a sua reação habitual – disse Myron.

– É mesmo?

– Em geral, nessa hora você me lembra de que eu sou agente, não detetive particular, e tenta me convencer de que não há motivos para entrar nessa, porque não vai trazer qualquer benefício financeiro para o escritório.

Win não disse nada.

– Aí você fala que eu tenho complexo de herói e que só me sinto completo quando salvo alguém. E finalmente, ou melhor, recentemente, você diz que minha interferência acabou causando mais mal do que bem e que feri ou mesmo matei talvez mais pessoas do que consegui salvar.

Win deu um bocejo.

– Por favor, diga que já vai chegar ao ponto.

– Achei que estivesse sendo claro, mas é o seguinte: por que é que você de repente está disposto, animado até, a participar dessa missão, quando no passado...

– No passado eu sempre ajudei, não ajudei? – interrompeu Win.

– Na maior parte do tempo, sim.

Win ergueu os olhos e bateu no queixo com o dedo indicador.

– Como posso explicar?

Ele ficou em silêncio, pensou um pouco, balançou a cabeça.

– Temos uma tendência a acreditar que as coisas boas vão durar para sempre – começou Win. – É a nossa natureza. Os Beatles, por exemplo. Ah, eles vão

existir para sempre. *Família Soprano*: este seriado nunca vai ser tirado do ar. A série de romances do Philip Roth protagonizada por Nathan Zuckerman. Shows do Bruce Springsteen. As coisas boas são raras. Precisamos valorizá-las, porque elas sempre acabam cedo demais.

Win se levantou e começou a andar em direção à porta. Antes de sair da sala, olhou para trás.

– Estar nisso com você é uma dessas coisas boas – disse ele.

4

NÃO FOI MUITO DIFÍCIL encontrar Lex Ryder.

Às onze da noite, Esperanza Diaz, sócia de Myron na MB Representações, ligou para ele:

– Lex acabou de usar o cartão de crédito na Three Downing.

Como de costume, Myron estava dormindo no apartamento de Win, em um dos tantos quartos de hóspedes livres no imóvel, que ficava no edifício Dakota, na esquina da Rua 72 com a Central Park Oeste. O prédio fora construído em 1884, o que ficava patente em sua estrutura, cheia de beirais, sacadas, arremates, frontões, balaustradas, meias cúpulas, ferro fundido, arcos, grades rebuscadas, águas-furtadas – uma mistura bizarra que, por algum mistério insondável, em vez de parecer opressora, era harmoniosa e estranhamente perfeita. Parecia uma fortaleza, linda e escura, e causava uma maravilhosa e inexplicável depressão.

– Onde fica isso? – perguntou Myron.

– Você não conhece a Three Downing? – indagou Esperanza.

– Deveria conhecer?

– Deve ser a boate mais badalada de Nova York no momento. É frequentada por *rappers*, até o Diddy, por supermodelos e o pessoal da moda, esse tipo de gente. Fica em Chelsea.

– Sei.

– Estou decepcionada – comentou Esperanza.

– Por quê?

– Um cara da *night* como você não conhece os lugares *in* da cidade.

– Quando Diddy e eu vamos para a balada, a gente usa a limusine branca compridona e entra por garagens subterrâneas. Nunca sei os nomes dos lugares.

– Ou então ter ficado noivo está acabando com o seu estilo – disse Esperanza.

– Quer ir até lá buscá-lo?

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da
EDITORA ARQUEIRO, basta cadastrar-se diretamente no site
www.editoraarqueiro.com.br

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar
seus comentários sobre este livro, visite o site
www.editoraarqueiro.com.br ou mande um e-mail para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

EDITORA ARQUEIRO
Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa
05042-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br